

“GERMANS” AND “PARAIBANOS” IN THE NORTHWEST OF PARANÁ: ESTABLISHED AND OUTSIDERS

“Alemães” e “Paraibanos” no noroeste paranaense: os Estabelecidos e os *Outsiders*

Luiza Katieli Ortiz Santos¹
Adriana da Silva Vinholi Rampazo²

Resumo

Graciosa é um pequeno distrito rural paranaense, formado na sua maioria por uma população de origem germânica. Nos últimos anos, Graciosa se tornou destino de diversas famílias vindas da região nordeste do Brasil, gerando mudanças na comunidade. Sendo assim, neste estudo, realizado com base na obra de Elias e Scotson, buscamos compreender as relações entre Estabelecidos e *Outsiders* nesse pequeno distrito. Para tanto, foi feito um estudo qualitativo, de cunho descritivo, com o uso de entrevistas semiestruturadas aplicadas tanto aos Estabelecidos quanto aos migrantes considerados *Outsiders*. Os resultados nos mostram que ocorreu uma grande mudança no comportamento dos moradores mais antigos diante da inserção desses novos membros. Com essa pesquisa é possível identificar que, mesmo em uma comunidade pequena na qual não parece ter espaço para separações de grupo, ocorre uma distinção usando como características para esta divisão o fato de as pessoas que buscam Graciosa serem de origens diferentes e simplesmente não fazerem parte de todas as experiências dos mais antigos.

Palavras-chave: estabelecidos, *outsiders*, relações sociais, estigma, comunidade.

Abstract

Graciosa is a small rural district in the State of Paraná, formed mostly by a population of Germanic origin. In recent years, Graciosa became the destination of several families from the northeastern region of Brazil, generating changes in the community. In this study, based on the work of Elias and Scotson, we sought to understand the relations between the established and the outsiders in a small district in the interior of Paraná. A qualitative and descriptive study was performed with the use of semi-structured interviews applied to both the established and the outsiders. The results show that there has been a great change in the behavior of the older residents in face of the insertion of these new members. Hence it is possible to identify that, even in a small community in which there does not seem to be room for group separations, a distinction is made based on the fact that people who seek Graciosa are of different origins and simply are not part of the overall experiences of the older ones.

Keywords: established, outsiders, social relations, stigma, community.

¹ Possui Graduação em Administração pela Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí - FAFIPA, Brasil.

² Possui Doutorado em Administração pela Universidade de São Paulo - USP, Brasil. Mestrado em Administração pela Universidade Estadual de Londrina - UEL, Brasil. Graduação em Administração pela mesma universidade. Docente da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, Brasil.

As cidades são formadas pelas relações sociais e elementos que se transformam com o passar do tempo. As relações sociais são a base da estrutura social, ou seja, relações entre os indivíduos constroem ou causam mudanças em um determinado local. Essas alterações podem influenciar todo o comportamento e estruturação. Portanto, a modelagem dos lugares depende dos membros que os formam.

Determinadas cidades sofrem alterações com a chegada de pessoas de outros países, de outras regiões e até mesmo de cidades próximas. Os imigrantes causam certo desconforto e desconfiança nas pessoas que já residem no local e o mesmo acontecendo com os que emigram. Esse fato pode ter vários motivos e despertar interesses nas alterações causadas.

Essas alterações no comportamento podem ocorrer em grandes cidades, mas é em pequenas comunidades como Graciosa - um pequeno distrito do noroeste do Paraná que há alguns anos se tornou destino de migrantes, em sua maioria da região nordeste do país - que o impacto é maior.

A chegada dessas pessoas mudou o comportamento e o relacionamento dentro da comunidade, permitindo que nela fossem formados grupos que se distinguem: um pelas características dos que fundaram o distrito e fazem parte das famílias pioneiras (os Estabelecidos) e outro, dos que chegaram há menos tempo e não possuem as mesmas características dos primeiros e, assim, são considerados “paraibanos” (os *Outsiders*).

Tendo em vista que a dinâmica social influencia nos acontecimentos em uma comunidade, este estudo busca compreender as relações entre os Estabelecidos e os *Outsiders* no distrito de Graciosa.

As Diferenças Impostas entre os Estabelecidos e os *Outsiders*

Os Estabelecidos e os *Outsiders* são termos utilizados para representarem tipos de grupos de um determinado local. Os Estabelecidos são vistos como um grupo que forma uma comunidade, que, portanto, possui valores, costumes e uma convivência, que eles identificam como laços, que só é adquirida com o tempo. Os *Outsiders*, por sua vez, são um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas, que não possui experiências a serem compartilhadas e laços sociais menos intensos.

Os Estabelecidos formam um grupo de indivíduos que possuem o poder a partir de uma tradição, resultando em maior autoridade sobre as pessoas que estão na comunidade. Para os Estabelecidos, seu grupo representa uma boa sociedade, superior aos outros grupos. Os *Outsiders* são tidos como os não pertencentes e, devido a isso, são estigmatizados pelos Estabelecidos, que os consideram um grupo de pessoas que não possui objetivos e regras já que a eles faltam relações sociais fortes. Assim, os *Outsiders* são vistos pelos Estabelecidos como pessoas de menor valor.

Os habitantes de Winston Parva, nome fictício dado a uma pequena cidade industrial inglesa em que Elias e Scotson (2000) desenvolveram sua pesquisa, descreviam a diferença e a desigualdade social como motivo para a separação, dentro do povoado, entre Estabelecidos e *Outsiders*, mas os indicadores sociológicos correntes mostravam que a comunidade era homogênea, não havia grandes diferenças entre os indivíduos. A renda, por exemplo, um dos principais separadores em uma comunidade, era praticamente o mesmo entre os Estabelecidos e os *Outsiders* em Winston Parva.

Para Elias e Scotson (2000), o povoado estava claramente dividido pelos que possuíam o poder em um princípio de antiguidade e os que eram estigmatizados. Dessa forma, os Estabelecidos fundam seu poder em relação aos *Outsiders* pela tradição, autoridade, crenças e

assim se julgam melhores que os demais e os estigmatizam com os atributos de anomia, falta de objetivos, regras e os associados à delinquência, violência e desintegração. É dessa forma que os Estabelecidos cerravam fileiras contra os *Outsiders* e os estigmatizavam, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano.

Os estigmas, que são, segundo Goffman (1986), atributos depreciativos, geram um efeito de descrédito nas pessoas a que eles são aplicados, já que são considerados uma fraqueza física ou de caráter e, portanto, uma desvantagem. Criavam barreiras entre eles, os Estabelecidos, e os *Outsiders*, aponta Elias e Scotson (2000), por medo de perder a identidade e tradição estabelecida em seu grupo e, assim, perder o poder de manter as regras e de se considerarem melhores que os recém-chegados. Se não houvesse a barreira, pensavam eles, se tornariam pessoas de menor valor como os *Outsiders*.

Assim, os membros do grupo dos Estabelecidos só mantinham relações com os *Outsiders* no local de trabalho, na necessidade da realização de tarefas, pois os indivíduos que ultrapassassem esta relação com as pessoas estigmatizadas estavam sujeitos a serem julgados por sua comunidade e colocados no mesmo nível dos rejeitados, perdendo, assim, seu poder dentro daquela comunidade. Em Winston Parava, essas barreiras eram criadas e sustentadas de uma forma tão eficiente que não eram ultrapassadas.

A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo. Esse preço tem que ser individualmente pago por cada um de seus membros, por meio da sujeição de sua conduta a padrões específicos de controle de afeto. Tudo em nome do orgulho e satisfação de pertencer a um grupo poderoso (Elias & Scotson, 2000).

.... o “medo” é identificado como um fator importante na geração dos conflitos entre grupos e indivíduos.... Grupos com mais autoestima (seguros de seu próprio valor) tendem para a moderação e a tolerância nas relações com os outsiders, mas o mesmo

não ocorre nas seções de grupos estabelecidos cujos membros são mais inseguros, ou seja, estes estigmatizam mais (e com frequência) e hostilizam os que são vistos como “os de fora” (Lima, 2015, p. 553).

E mesmo os *Outsiders* se consideravam como pessoas que possuíam menor valor diante da sociedade, devido à coesão e estigmatização grupal que foi feita de uma forma para a qual eles não encontravam maneiras para revidar. Os indivíduos do grupo Estabelecido usaram uma arma poderosa, a fofoca, que era rapidamente espalhada para divulgar as características ruins do outro grupo. Essas fofocas se propagavam de maneira muito rápida, devido aos canais que eles tinham, como os clubes. Os *Outsiders*, além de não disporem dos mesmos canais de distribuição, não se conheciam, não possuíam a mesma relação de grupo que os Estabelecidos e não tinham pontos de encontro; e assim, não era possível desenvolver a coesão de grupo.

Em termos das normas de seus opressores, eles se consideram deficientes, veem-se como tendo menos valor. Assim como, costumeiramente, os grupos estabelecidos veem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado, os grupos *outsiders*, quando o diferencial *de poder* é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade *humana*.

(Elias & Scotson, 2000, p. 28, grifo dos autores).

Em algumas entrevistas realizadas por Elias e Scotson (2000) fica evidente esta divisão de grupos, de poder, que os indivíduos criavam em relação aos outros que eles julgavam não pertencerem a eles. Em entrevistas com os “aldeões”, que eram as pessoas que formavam o grupo de Estabelecidos, era comum encontrar as seguintes falas sobre as pessoas que moravam no loteamento, nome dado à parte da comunidade que era formada pelos recém-chegados, os tidos como *Outsiders*: a) “Eles simplesmente não tem os mesmos padrões que

nós”; b) “Aquele lugar não é como a aldeia”; c) “Eles tem uma moral muito baixa”. (Elias & Scotson, 2000, p. 112).

O loteamento, também conhecido como a Zona 3, foi construído na década de 1930 por uma empresa de investimentos em um terreno que, segundo os antigos residentes, não foi desenvolvida antes por ser pantanosa e infestada de ratos. Desde então, já era mal vista pelos estabelecidos, sendo chamada por eles de “beco dos ratos”. O aproveitamento da região já era motivo de protesto dos moradores da região mais antiga, já que era considerada muito abaixo do padrão local.

A empresa de investimentos começou a construir casas pequenas e ajardinadas em fileiras, colocadas para alugar por um preço mais baixo que os propostos na região. As casas começaram a ser ocupadas por pessoas que, de certa forma, foram obrigados a se mudarem para lá por necessidade ou por expectativa de uma melhor condição de vida. Foram pessoas atraídas pela melhor oferta de emprego na região ou por homens que haviam ingressado em um regimento local.

Elas foram sendo ocupadas não tanto em função dos preços dos aluguéis, mas da mudança do país. Um expressivo número de famílias de recrutas do posto de treinamento militar da região começou a ser levado para lá depois da crise de Munique. Em 1940, o padrão de desenvolvimento sofreu uma mudança drástica. Quando começaram para valer as invasões na Inglaterra, começaram a chegar os desabrigados. Uma fábrica de equipamentos para forças armadas transferiu-se para Winston Parva, com armas e bagagens. A produção foi instalada em um prédio fora de uso na região do “canal”. Assim, mais de 100 londrinos foram acrescentados à pequena comunidade. Essa imigração em massa causou forte impacto nos residentes e nos imigrantes.

Entre as pessoas que foram morar neste local existia uma minoria “dos piores”, que era formada por algumas famílias que bebiam e brigavam muito, tinham as casas sujas e mal

organizadas, falavam palavrões, deixavam seus filhos nas ruas, entre outras. Segundo Elias e Scotson (2000), a presença dessa minoria tornava mais difícil para as pessoas do loteamento defenderem seu bairro, já que a má fama dessa minoria “dos piores” criava um desenho em preto e branco que não deixava margem para a diversidade constatada entre os moradores. A partir disso, todos os *Outsiders* foram considerados arruaceiros.

Além disso, com eles chegou uma minoria de operários não especializados, atraídos pela variedade dos postos de trabalho ligados a esforço de guerra, que se instalou no loteamento e cujos padrões de conduta, ao que parece, diferiam não apenas dos padrões dos aldeões, mas também dos da maioria dos residentes da nova área. A existência desses bolsões de trabalhadores imigrantes foi uma das razões, com certeza, do status inferior atribuído ao loteamento como um todo, na classificação feita pelas zonas vizinhas de Winston Parva (Elias & Scotson, 2000, p. 63).

Mesmo essas famílias tendo se mudado da região quando os preços dos aluguéis subiram, os demais indivíduos continuaram sendo julgados e rejeitados. A estigmatização era geral, independente das diferenças e semelhanças que pudesse haver entre eles, tornando os julgamentos e restrições normais e verdadeiras. Para Elias e Scotson (2000), em entrevistas com as pessoas do loteamento fica evidente a força dessas estigmatizações: a) “Tem um bocado de gente esquisita por aqui. Toda sorte de estrangeiro, de modo que não lhes dou confiança”. b) “Eles nos chamam de ‘beco dos ratos’”. (p. 113).

Para Elias e Scotson (2000), o grupo dos Estabelecidos detém o poder através da convivência, do que eles acreditam que seja certo, do fato de serem pessoas que possuem características e costumes melhores que os recém-chegados. Porém, nenhuma grande diferença foi encontrada entre os indivíduos do grupo dos Estabelecidos e dos *Outsiders* que sustenta essa estigmatização.

Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, uma vez que, para Godoy (1995), não procuramos enumerar ou medir o evento estudado, nem empregar instrumentos estatísticos na análise dos dados. Procuramos compreender o fenômeno segundo a perspectiva dos participantes e, assim, descrevê-lo, adotando uma perspectiva descritiva.

Para a coleta de dados, utilizamos um questionário semiestruturado que supõe a confluência de perguntas previamente elaboradas com outras pautadas a partir das respostas dos entrevistados (Santos & Candeloro, 2006). A ideia central para o uso desse instrumento de coleta de dados foi ter mais liberdade para explorar as questões que surgiam durante as entrevistas.

Assim, foram entrevistadas seis pessoas escolhidas de forma a obter informações necessárias para identificação de alguma mudança dentro da comunidade a partir da inserção de novos membros, os *Outsiders*. Escolhemos, então, entrevistados entre os Estabelecidos, que cresceram na comunidade e que tivessem origem entre os colonos germânicos e, entre os *Outsiders* como descrito abaixo:

1. Dona de casa: de uma família pioneira, porque faz parte da comunidade desde os primeiros anos da sua criação e, assim, está inserida no grupo dos Estabelecidos, conhecendo todas as famílias e costumes e tendo a capacidade de diferenciar o que é considerado certo ou errado para o convívio na comunidade;

2. Dono de um bar: como as conversas rolam solto naquele espaço, já que é um dos principais locais de lazer dos homens na comunidade, o dono tem várias informações do que pode estar acontecendo no distrito, como novidades ou problemas enfrentados pelas famílias;

3. Comerciante: além de conhecer os moradores e frequentadores mais antigos, também mantém contato com os recém-chegados;

4. Jovem: com uma visão menos idealizada da comunidade, o jovem entrevistado transita com mais frequência entre a comunidade e outras localidades da região, uma vez que estuda na cidade vizinha;

5. Homem migrante: visto como um *Outsider*, pode passar informações sobre pontos que permitam a identificação de estigmatização ou não por parte dos estabelecidos; e

6. Dona de casa migrante: possibilita a visão de uma mulher *Outsider* sobre a relação com os Estabelecidos e as dificuldades de inserção dentro da comunidade.

Resultados

Os Estabelecidos e os *Outsiders* em Graciosa

Graciosa é um distrito rural que integra a cidade de Paranavaí, localizada no noroeste do Estado do Paraná. Formada em sua maioria por uma população de origem alemã que se instalou no local na primeira metade da década de 1940, Graciosa é marcada, como as diversas colônias consideradas alemãs no Brasil, por modos específicos de ocupação do espaço, características físicas, hábitos alimentares e formas de organização social que demarcam uma fronteira étnica germânica.

Há, por exemplo, um forte sentido de comunidade entre as famílias pioneiras. Esse senso de comunidade não se deve somente à etnicidade germânica comum ou por compartilharem de uma mesma história, mas também, e talvez principalmente, pelo costume de matrimônios entre famílias conhecidas. Um dos entrevistados afirma que os colonos eram, conforme suas próprias palavras, racistas, e não aceitavam casamentos com os de fora, uma vez que, para eles, a “mistura de raças” não era bem vista. É assim que Graciosa ficou conhecida como o local das pessoas loiras de olhos azuis, fazendo referência ao biótipo germânico, bastante diferente do restante da população da região.

Em Graciosa, durante muitos anos, o isolamento foi uma característica marcante. Os primeiros moradores relatam dificuldades de acesso à colônia, que era rodeada pela mata, como publicado pelo jornalista David Arioich em sua página na internet (Arioich, 2010, 2013a, 2013b). Era costume ir a Paranavaí somente para realizar negócios ou fazer compras de artigos não produzidos na colônia, como tecidos ou sal, já que as atividades religiosas, parte importante da vida colonial, foram supridas já nos primeiros anos quando da instalação do Seminário da Imaculada Conceição em 1954.

Diferentemente da maior parte dos imigrantes alemães que se instalaram no Brasil, a religião Católica e não a Luterana ocupou, desde os primeiros tempos, ponto central na colônia, servindo tanto como alento espiritual quanto como espaço de sociabilidade. Até hoje, a Igreja Católica local representa uma importante instituição no distrito, sendo que a maior festa da comunidade, realizada em maio e dezembro já há mais de 50 anos, a Festa do Bosque (Figura 1), é organizada pelos freis carmelitas com a participação ativa dos moradores. Nela são servidos, além do tradicional churrasco brasileiro, pratos típicos alemães, como carne de porco cozida com repolho e batatas, bolos e cucas. A abertura da festa, como não poderia deixar de ser em uma comemoração católica, é feita com uma missa em homenagem à padroeira do distrito, Nossa Senhora das Graças.

O Seminário, bancado pela Ordem dos Carmelitas da Alemanha e dirigido por padres alemães, foi importante também para a educação formal das crianças da colônia, que puderam realizar os estudos anteriores à universidade sem precisar sair da colônia. Aliás, somente nos últimos anos que os filhos dos moradores se acostumaram a sair de Graciosa para continuar seus estudos universitários. Para alguns dos entrevistados, ao sair para estudar, não voltam mais para Graciosa, já que encontram trabalhos mais qualificados fora do distrito.

Apesar de hoje contar com grandes agroindústrias instaladas na sua proximidade, como uma avícola e uma multinacional de alimentos, os empregos gerados em Graciosa, na maior

parte, não demandam mão de obra qualificada. Dessa forma, com exceção dos que voltam para Graciosa para cuidar da pequena propriedade rural da família, os descendentes dos pioneiros acabam por se mudar para Paranavaí ou, ainda, para outras regiões, buscando novas oportunidades.



Figura 1 – Festa do Bosque

É assim que Graciosa, nos últimos anos, se tornou um local escolhido como moradia por diversas famílias que vieram da região nordeste em busca do trabalho oferecido pela agroindústria. Como as primeiras famílias vieram da Paraíba, os habitantes de Graciosa se acostumaram a chamar todos os novos moradores de “paraibanos”, mesmo sendo originariamente de outros estados do Nordeste.

A inserção desse novo elemento mexeu com a comunidade de Graciosa, gerando desconforto e medo entre os Estabelecidos, os antigos moradores, com relação aos *Outsiders*,

as pessoas que eles chamam de “paraibanos”. Um grande impacto foi sentido nas relações. A comunidade, que até então mantinha um relacionamento bastante íntimo e, assim, cultivava a confiança, foi perdendo essa característica com a chegada dos novos moradores. Se antes a noção de comunidade era o que nutria o sentimento de pertencimento ao local, hoje vemos o surgimento de uma clara divisão social baseada na perspectiva de nós e eles.

Para os Estabelecidos, Graciosa era vista como uma grande comunidade em que todos se conheciam, dividiam a mesma história de vida uns dos outros, nutriam um sentimento de propriedade do local. Segundo Elias e Scotson (2000), essa convivência cria laços de interdependência que unem os que se identificam, os que fazem parte das mesmas experiências, e, do mesmo modo, separam os que não possuem essas relações.

A chegada desses novos moradores se tornou uma ameaça para a relação existente, pois eles trazem junto com suas bagagens novos costumes, diferentes crenças, outra maneira de viver. E isso não foi aceito pelos que já moravam no local, fazendo com que os relacionamentos dentro do distrito, antes visto como uma comunidade pertencente a todos, começasse a mudar e criar barreiras de limitações.

O fato de não se conhecerem basta para manter distância uns dos outros e cria uma base para a falta de confiança, a mudança na visão que os moradores mais antigos tinham diante da comunidade. Para uma entrevistada, o fato de que antes todos se conheciam dentro do distrito era o que os uniam e tornava Graciosa uma grande comunidade, uma grande família, pois todos dividiam experiências passadas. Tais experiências, que nunca seriam vividas e nem compartilhadas com eles, os “paraibanos”, os dividia.

Porém, agora não é mais como antes. Em um relato direto ela diz que a relação dentro da comunidade piorou um pouco, porque veio esse pessoal da Paraíba que ela não conhece. E é claro que essa falta de conhecimentos gera, para os moradores mais antigos, uma grande

desconfiança. Eles respeitam a vinda dessas pessoas que para eles são diferentes, mas não aceitam, porque elas significam uma ameaça aos costumes, à maneira que eles vivem.

Graciosa mesmo sendo um distrito pequeno, é claramente dividida entre os moradores mais antigos e os “paraibanos”. E como nos estudos realizados por Elias e Scotson (2000), no qual os Estabelecidos explicavam, de forma equivocada, a separação dentro do povoado pela diferença e a desigualdade social e os indicadores sociológicos correntes, os moradores de Graciosa insistem em dizer que os “Paraibanos” são pessoas de maiores necessidades. Para um entrevistado, isso acontece porque eles nasceram em comunidade mais sofrida e não detêm dos mesmos conhecimentos que eles e, assim, não possuem as mesmas possibilidades e meios para interagir e integrar dentro da comunidade.

É evidente que existe uma diferença “racial” ou “étnica” entre esses dois grupos. Um é composto por descendentes de alemães, pele clara, olhos azuis ou verdes, uma aparência totalmente diferente do outro grupo, formado por pessoas do Nordeste, pele avermelhada, olhos escuros. Porém, o fato é que a utilização desses termos desvia a atenção para tais diferenças entre eles, deixando em segundo plano, subjacente, a diferença de poder que exclui os *Outsiders* da participação da comunidade.

Esse fato é explicado por Elias e Scotson (2000). Para eles, esses adjetivos são sintomáticos de um ato ideológico de evitação. Quando utilizados, chama a atenção para aspectos periféricos, como a diferença na cor da pele, enquanto o mais importante é deixado de lado: a exclusão do grupo menos poderoso dos cargos com maior potencial de influência, ou seja, a diferença de poder. Assim, mesmo quando existem as diferenças nas aparências físicas e outros aspectos, a sociodinâmica da relação entre grupos interligados é determinada pela forma de vinculação.

Isso para os moradores mais antigos é uma barreira. Uma entrevistada não hesita em dizer que a diferença de raça e da origem afasta o convívio, definindo uma restrição nos

relacionamentos. Para os Estabelecidos, o fato de serem de origem europeia os coloca como pessoas melhores, enquanto os *Outsiders*, por serem, segundo ela, “pessoas de raças misturadas”, não seriam pessoas de confiança. Para Elias e Scotson (2000), o grupo Estabelecido, por medo de perder seu poder sobre as decisões e relações dentro da comunidade, criam barreiras e cerram fileiras contra os *Outsiders*, os estigmatizando como pessoas de menor valor.

Quando alguém do grupo dos Estabelecidos ultrapassa essas barreiras é rebaixado aos olhos da comunidade, gerando perda de poder e privilégios. Essa imposição de comportamento é aceita porque o impacto da opinião interna do grupo em cada um de seus membros é formada, na verdade, em um processo grupal, ligada por um cordão elástico, mesmo que invisível. Neste caso, as barreiras são formadas pelas diferenças que podem ser notadas nas características físicas, maneira de se comportarem, cor da pele, dos olhos, cabelos e até mesmo sotaque e na maneira como eles vivem. Talvez pelo fato de não existirem cargos ou postos de influências com grande poder, o que predomina é apenas o sentimento de pertencer à comunidade dos Estabelecidos.

Os *Outsiders* aceitam a forma como são tratados, até porque a distância nos relacionamentos e as restrições impostas pelos moradores antigos, no primeiro momento, não seriam preocupações diante do medo causado pela mudança, pelo desconhecido, pelas incertezas que dominam essas pessoas. Os recém-chegados, em sua maioria, se mudam para essa região em busca de oportunidades que possam proporcionar-lhes uma vida melhor, já que não encontraram emprego e boas condições de vida na região de origem.

Assim, quando chegam a Graciosa e encontram oportunidades de trabalho que os permite viver melhor, não exigem mais nada além do que é oferecido. O fato de terem um trabalho do qual tiram uma renda que alcance o cumprimento de suas necessidades, como moradia, comida e um conforto, torna-se o bastante para eles. Esse comportamento pode ser entendido,

segundo Elias e Scotson (2000), pelo fato de a incerteza de saciar sua fome ou satisfazer suas necessidades básicas no passado tornar essas suas prioridades diante de qualquer outro desejo, “Sem dúvida, no caso extremo dos grupos humanos expostos à fome prolongada, o desejo intenso de comida ou, em termos mais gerais, de sobrevivência física pode realmente ter prioridade sobre todas as outras metas” (p. 34).

Conta uma recém-chegada do estado da Paraíba que a mudança para um lugar no qual não conheciam ninguém, não sabiam como era a convivência e a incerteza do que iriam encontrar causou muito medo e angústia. Isso era perceptível em sua maneira de se expressar e em seu olhar. Para ela, Graciosa é um ótimo lugar, mas com pessoas que são muito diferentes das que conhecia na sua região de origem, dificultando o relacionamento entre eles. Para ela, são os costumes que os distanciam. Relata que na Paraíba as pessoas viviam juntas e cita como exemplo o fato de que costumavam, nos finais de tarde, se sentarem nas calçadas e ficarem conversando. Já em Graciosa, as pessoas de lá não se juntam a eles nem para conversar.

A estigmatização como aspecto da relação entre eles associa-se, muitas vezes, a um tipo de fantasia coletiva criada pelo grupo de Estabelecidos. Ela reflete e justifica a aversão que seus membros sentem dos membros do grupo de *Outsiders*. Esse estigma social transforma sua imaginação em um estigma material e coisificado, segundo Elias e Scotson (2000). E essa estigmatização é aceita pelos que a sofrem, tornando natural a distância entre as duas comunidades: os alemães, pessoas bem-dotadas, exemplos de famílias, que seguem os bons costumes, e uma comunidade formada por “paraibanos”, pessoas de grandes necessidades, sofridas e de origem desconhecida. Entre eles, fica a sensação de que nada há que os une, já que não dividiram experiências de vidas, não se conhecem, só tem em comum o fato de, em momentos distintos, terem deixado uma história de vida para trás em busca de oportunidades melhores para sobreviver e criar seus filhos.

Torna-se evidente esse desconforto entre os membros dos grupos e essa linha imaginária de limitações de espaço. Para momentos de lazer existem no distrito dois bares: um frequentado, segundo um entrevistado, pelas pessoas que fazem parte das famílias mais antigas, pelos colonos do local, e o outro, pelos “paraibanos”, fundado por um recém-chegado há poucos anos para aumentar a renda da família.

Um entrevistado que trabalha no bar dos “colonos” diz que os “paraibanos” são retraídos, costumam ficar entre eles e, assim, não frequentam muito o bar em que ele trabalha. Porém, ao se referir ao local que os *Outsiders* frequentam, percebemos nitidamente um pensamento de superioridade como se o bar dos “colonos” não fosse para os “paraibanos”.

Para Elias e Scotson (2000), as estigmatizações impostas pelos Estabelecidos diante dos *Outsiders* poderiam ser firmadas, até certo ponto, pelo fato de que, dentro do loteamento em que viviam os *Outsiders*, existirem pessoas que formam a “minoridade dos piores”, cujos padrões de vida diferiam não apenas dos aldeões, mas também da maioria dos residentes do loteamento. Essa minoria que se instalou no loteamento possuía algumas características das estigmatizações, mas não sustentava a generalização que se seguiu.

Em Graciosa, isso também pode ser utilizado como uma explicação para o estigma contra os “paraibanos”, pois, segundo um entrevistado recém-chegado, entre as pessoas que se mudam para o distrito em busca de trabalho e oportunidades vieram, também, pessoas que “trazem consigo um pensamento de vida fácil”, ou seja, mudam-se não com um objetivo de melhorar a vida, de construir uma nova história, mas apenas com um pensamento de ganhar o que comer e suprir suas necessidades naquele momento.

E essas pessoas procuram por empregos nas lavouras, mas não “levam o trabalho a sério” e, no momento em que sua necessidade é alcançada, não retornam mais ao trabalho. Por esses motivos, segundo um jovem entrevistado, os moradores mais antigos julgam os recém-chegados como pessoas aproveitadoras, irresponsáveis, que se mudam para o distrito apenas

para aproveitar dos benefícios que lá existem, mas não querem o bem para a comunidade, como eles, os Estabelecidos.

Considerações Finais

Quando problemas são identificados dentro de uma cidade, seja ela considerada uma grande cidade, desenvolvida e com vários recursos, ou uma pequena comunidade, sem meios até para educação básica, é incomum analisar o problema a fundo. As autoridades detentoras de poder buscam soluções baseadas em acontecimentos presentes, sem considerar os fatos passados.

No entanto, esses locais são formados não apenas pelas estruturas físicas, mas por pessoas que trazem consigo uma maneira de viver, um pré-conceito do que possa ser correto ou não em relação ao seu modo de vida. Com isso, este estudo, realizado com o interesse de compreender as relações existentes entre os Estabelecidos e os *Outsiders*, serve de base para a compreensão de que o relacionamento dentro de uma comunidade é de grande importância para todo o desenvolvimento e que os costumes e as políticas adotadas por diversos grupos afetam o rumo da comunidade.

Nesta pequena comunidade é evidente a divisão de grupos ao conversar com as pessoas. Existe uma linha imaginária na qual de um lado encontram-se as pessoas mais antigas e, de outro, os novos moradores, vistos pelos primeiros, os Estabelecidos, como os *Outsiders*. O fato é que a chegada dos novos moradores ao local provocou mudanças no comportamento das pessoas. O que se percebe é que as pessoas com um pouco mais de idade não possuem mais confiança de morar naquele local, uma vez que eles não reconhecem mais sua comunidade. O desconhecido se torna o perigoso. E, nesse caso, melhor manter distância, adotando uma postura de retração que impõe limites que barra os relacionamentos.

Para os *Outsiders*, tudo parece ser normal. Afinal, perto do que já passaram na região de origem, Graciosa é um bom local, apesar das pessoas retraídas. Mas é o costume deles, justificam, que é bastante diferente. Assim, não se incomodam com o fato de que, mesmo com o passar do tempo, os laços não se fazem e as relações continuam sendo diferentes entre os próprios Estabelecidos e entre Estabelecidos e *Outsiders*.

Considerando as influências que ocorrem com a entrada de um novo grupo em uma comunidade e, decorrente disso, as diversas reações que isso pode ocasionar, é importante ir mais a fundo na compreensão dos problemas, levando em conta os fatores subjacentes que decorrem dos relacionamentos (ou da falta dele). Nos estudos realizados por Elias e Scotson (2000), o aumento da violência, que motivou o primeiro estudo, só foi compreendido a partir do momento em que foram identificadas outras raízes para o problema. Raízes que estavam relacionadas com a maneira como a pequena cidade fora construída e sobre o passado e presente de todos os grupos que formavam a comunidade.

Pode-se dizer que os costumes, a religiões, as crenças, enfim, a cultura local, que é diferente em cada contexto, pode tanto aproximar quanto separar as pessoas. Assim, o que se pode observar a partir de estudos como este é que grupos são formados para se protegerem de diversas ameaças, como as relacionadas à perda de poder, cargos de prestígio, entre outros. E os grupos que possuem mais poder, sendo ele baseado no que os membros acreditam, fazem estigmatizações em relação aos demais grupos, impondo regras e barreiras que os impeçam de revidar contra as coisas que são impostas.

Este artigo contribui para o campo de pesquisas em Estudos Organizacionais ao colocar em debate a entrada de novos grupos sociais nas organizações. Ao mesmo tempo, traz contribuições à Administração Pública ao incluir a história local como elemento norteador para as políticas públicas, uma vez que as ações no campo promovidas direta ou

indiretamente pelos órgãos públicos muitas vezes não consideram como a história local irá impactar na sua ação.

Referências

- Arioch, D. (2013a). *O pessoal ficava até quatro meses sem ir a Paranavaí*. Recuperado de <https://davidarioch.com/tag/distrito-de-graciosa/>
- Arioch, D. (2013b). *Tinha que desviar dos cipós para não cair*. Recuperado de <https://davidarioch.com/tag/distrito-de-graciosa/>
- Arioch, D. (2010). *João Franco: Ficamos no mato por mais de vinte anos*. Recuperado de <https://davidarioch.com/tag/distrito-de-graciosa/>
- Elias, N., & Scotson, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Godoy, A. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.
- Goffman, E. (1986). *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. New York: Touchstone Books.
- Lima, M. A. (2015). Relação de poder entre os Estabelecidos e os Outsiders. *Holos*, 31(6), 544-554.
- Santos, V., & Candeloro, R. (2006). *Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas*. Porto Alegre: AGE.